

# INTERDISCIPLINARIDADE E MÚSICA

## Interdisciplinary and Music

Achille Picchi<sup>1</sup>

1. Graduado em Educação, Piano e Letras, tem mestrado em Educação pela USP. Atua na área de História da Música, composição, análise e teoria musical, além de ser compositor, regente e camerista. Professor do Instituto de Artes da UNESP, São Paulo.

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.

### Resumo

Este artigo relaciona interdisciplinaridade a um projeto agregador humanista, com vieses integrativas de conhecimento, seja qual for, independente de sua utilidade imediata ou mesmo remota. A interdisciplinaridade guarda contatos com a inter-relação das disciplinas que formam o todo do conhecimento, em seu próprio e direto conhecimento.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. Música. Inter-relação. Humanismo. Próprios das disciplinas.

### Abstract

This article studies interdisciplinary like a gathering project with humanism, and integrative ways of knowledge, being or not dependent

Recebido em: 19/03/2010  
Aceito em: 23/06/2010

of its immediate or remote utilitarianism. Here interdisciplinary is said to be interrelationship between disciplines that shape the wholeness of knowledge, with his proper and direct state.

**Keywords:** Intedisciplinaty. Music. Interrelantionship. Humanism. Discipline proper.

Para se tratar do tema interdisciplinaridade, seria interessante a compreensão de disciplina, consignado à palavra em questão.

Já que a sugestão do prefixo latino *inter*, entre, leva à mediação de alguma forma, propõe-se o tratamento da ideia enquanto inter-relação. Ou seja, algo que estabeleça diversos processos de relação entre disciplinas.

## DISCIPLINA

A ideia de divisão do conhecimento do mundo para integração da cultura não é nova. No mundo grego socrático-aristotélico já se propunha como educacional o conhecer através do particular para o geral. Mas essencialmente o conhecimento do mundo focava se como uma relação com a natureza:

O pesquisador dos mundos clássico e medieval não estava muito preocupado em estabelecer separações significativas entre os diversos conhecimentos disponíveis sobre a realidade. Pelo contrário, sua preocupação residia em estabelecer algum tipo de relação que os aproximasse. (LEIS, 2005, p.3-4)

Assim, com o tempo, estabeleceram se especificações para o conhecimento da realidade, que mantiveram a lógica de construção interna conforme sua direcionalidade. Surgem, então, as disciplinas (instruções, normas, caminhos) que tratam da realidade física, humana (biológica e psicológica) e extrafísica (mormente religiosas). Como ressalta Hector Leis, “embora obviamente existisse uma especialização em torno de cada objeto, a mesma não estabelecia qualquer exclusão ou desinteresse recíproco entre pesquisadores”, já que a totalidade, desde sempre, manteve seu caráter metafísico universalizador. (LEIS, 2005, p.3-4)

Durante o chamado Renascimento a integração disciplinar tornou se mais evidente através de um processo histórico posteriormente chamado Humanismo. Eventualmente sociopolítico, esse proces-

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.

so advinha de uma fundamental evolução do Homem em sociedade em direção à agremiação pequeno burguesa, tentando descentralizar a visão teológica redutora da Igreja Católica até então. O caráter de relação entre disciplinas, por exemplo, no *trivium* e depois *quadri-vium* educacionais, é cada vez mais manifesto nos escritos da época, agora mais difundidos no começo da era pós guttenberguiana.

Por outro lado, é o nascimento e mesmo estabelecimento das ciências físicas, biológicas, humanas e especificidades artísticas todas como tais. Assim, as disciplinas se regulamentam como técnicas recortes das ciências maiores e especificações práticas teóricas do conhecimento específico.

## DEFINIÇÃO (?)

Considerada a partir da óptica do Humanismo como agregador ideal do conhecimento, a interdisciplinaridade torna-se mais ação, principalmente, na direção de um projeto. Dessa forma, senão difícil, torna-se quase impossível uma definição já que, para definir interdisciplinaridade, dever-se-ia lançar mão das disciplinas. O resultado final acabaria por deixar de ser interdisciplinar, mas apenas disciplinar (LEIS, 2005).

## ESPECIALIZAÇÃO E PARADIGMAS

A interdisciplinaridade, como tal, é fenômeno marcadamente da modernidade, sendo agente e eficiente a partir da segunda metade do século XX.

Desde o século XVI a humanidade formulou concepções de visão de mundo que mais e mais estabeleciam o chamado Paradigma Mecanicista, ou seja, um conjunto de pressupostos que organizava o conhecimento segundo o reducionismo, a fragmentação e a especialização. Isto quer dizer que o mundo funcionaria teleologicamente, como um mecanismo. Portanto, conhece-lo e ao Homem que o conhecia era conhecer parte dele que pudesse ser observado e em detalhes de fragmentos bastante e suficiente para a generalização, já que o todo era sempre imutável. Assim, formavam-se, cada vez mais, especialistas nos processos de conhecimento reducionista, fragmentário e especializado. Esse racionalismo de conhecimento da máquina do mundo envolvia inclusive, a natureza humana e daí, as artes.

Na *Encyclopédie*, compilada por D'Alembert e Diderot, iluministas, no século XVIII, ainda consta a Música como elemento natural cuja redução, fragmentação e especialização faziam a descoberta de seu funcionamento e realização.

A partir do final do século XIX e, notadamente, começo do XX o Paradigma Mecanicista começa a se modificar. Dois fatores principais concorrem para uma mudança de visão de mundo: o industrialismo e a chamada segunda revolução científica. Ambas compartilham as angústias e convulsões sociopolíticas que transformam decisivamente a Europa: as revoltas de 1848, as diversas escaramuças dos finais do século XIX, as unificações da Itália e Alemanha em 1870, culminando no grande conflito mundial de 1914-18, a Primeira Grande Guerra.

O industrialismo, ao romper a união entre produção e consumo, separou produtor de consumidor, acelerando e aumentando a divisão de trabalho, bem como a estratificação de visão de mundo. Embora um sistema produtivo e de caráter socioeconômico, entretanto o industrialismo tornou-se modelar para relações sociais e agremiações em geral, provocando modificações culturais essenciais.

Há o aparecimento do produto e a produção de mercadorias é o ponto de partida do capital. A mercadoria é a unidade de valor de uso e de valor de troca e o processo de produção da mercadoria junta e resume os processos de trabalho e de criação de valores.

Com a produção em massa da mercadoria e o avanço da tecnologia transformando-a em bens de consumo, modifica-se a vida do Homem que a vê crescer em proporção geométrica.

A relação donos do capital e trabalhadores interfere diretamente no *modus vivendi* da sociedade. A lei geral do acúmulo capitalista tem como funcionamento o incremento do capital, que inclui o incremento do capital variável, aquele investido em força de trabalho cujo valor é dado pelo tempo investido pelo trabalhador na produção de bens. Se a composição do capital se mantém inalterada e uma determinada quantidade de meios de produção exige sempre a mesma massa de força de trabalho para colocá-la em movimento, é evidente que a demanda por trabalho e o fundo de subsistência dos trabalhadores crescerão proporcionalmente ao capital e com a mesma velocidade deste. A acumulação do capital implica, pois, no incremento do proletariado assim como no nascimento de uma classe operária retroalimentadora do capital.

Entretanto desumanizador, o trabalho sob o industrialismo faz com que, como diria Lukács, a atitude dos homens e suas relações assumam, no capitalismo insurgente, a feição genérica de “coisas”,

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.

ou seja, há uma crescente reificação sociocultural a partir daí. E um conseqüente e ingente afastamento do Humanismo.

Há, é claro, um profundo e, como nunca na História, enorme avanço tecnológico. Mas, com esse avanço, o desenvolvimento humano, psíquico (espiritual, talvez) e cultural se vêem garantidos? O que mais parece acontecer, porém, é uma fragmentação gradual do sujeito, sua alienação e despojamento de sua integridade e, mesmo, liberdade individual.

Nessa conturbação do início do século XX, duas visões de mundo, consubstanciadas como Segunda Revolução Científica, vêm revolucionar as bases do mecanicismo social de vivência: a Teoria da Relatividade Geral e a Revelação da Física Quântica.

Essas revoluções conceituais dão conta de que, afinal, a noção de matéria modifica-se de algo sólido para ora partícula, ora frequência de onda. Dão conta que, conhecido o mundo subatômico e sua questão originária, não há nada mais *certo*, senão *provável* (formulado através do Princípio da Incerteza, por Eisenberg). E dão conta, especialmente, que neste universo nada mais é observado de maneira isenta, ou seja, a observação do fenômeno influencia o próprio fenômeno. O que quer dizer, de modo mais direto, que sujeito e objeto não garantem a verdade pelo simples fato de estarem divididos, mas pertencem a uma mesma realidade **interdisciplinar**. Ou seja, na pesquisa os valores do pesquisador interferem na percepção do pesquisado, bem como nas teorias sobre ele construídas.

O mundo deixa de ser um mecanismo para ser um sistema. Assim, o conhecimento da realidade é o conhecimento integralizado, realizado por partes, cuja somatória se estabelece por relações entre essas partes.

Por outras palavras, as especializações passaram a subconjuntos da totalização em grandes inter-relações disciplinares: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade.

## MÚSICA E INTERDISCIPLINARIDADE

Música ou qualquer outra manifestação artística estruturada, não é disciplina como tal. Este entendimento pode ser extensivo, por exemplo, à Ciência ou à Filosofia. Pode-se dizer que as divisões de conhecimento da ciência sejam a Ciência? Ou que os termos e assuntos da filosofia sejam a Filosofia? Ou mesmo que os saberes elementares e divisões constitutivas da música, da literatura, das ar-

tes plásticas sejam a Música, a Literatura, a Pintura ou a Escultura?

Ou seja, no ensino e pesquisa acadêmicos (seja no segundo grau, seja universitário) esses campos acabam por se transformar em cursos. E seus diversos componentes de realização são subdivididos em disciplinas. Assim, por exemplo, no caso da música, a interdisciplinaridade acaba por ser um uso metafórico da música por suas partes ou, dito de outra forma, realiza-se a interdisciplinaridade por competências técnicas.

Dessa forma não mais se pode escapar do fato de que a interdisciplinaridade, como aplicação efetiva, acaba por esbarrar no problema da técnica.

As técnicas (a *techné* aristotélica) constituem verdadeiros saberes. Como situa Gilles Gaston-Granger (GRANGER, 1994, p.78).

Eles não possuem nem o caráter desinteressado, nem a virtude demonstrativa ou pelo menos explicativa e formam a passagem dos conhecimentos propriamente científicos para as realizações circunstanciadas do *trabalho* efetivo de produção de coisas e de direção de nossas ações.

Assim é que o modelo universitário de ensino e pesquisa brasileiro adveio do norte-americano, substituindo o humanismo europeu por uma política curricular orientada pretensamente para profissões. Destarte oficializou a desintegração disciplinar que acaba por negar à universidade seu direito e dever de repositório de todo e qualquer conhecimento e cultura, sob a bandeira e ideia utilitaristas.

Nesse aspecto quero lembrar que Francis Bacon e sua grande reforma, sob título de *Novum Organum*, já em 1620 propunha a união da ideia de utilização do conhecimento ao humanismo. O saber, para Bacon, era considerado meio vigoroso e seguro para conquistar o poder sobre a natureza, humana e natural, ou seja, era tanto transcendente como imanente ao utilitário. Mas esse utilitarismo não se confunde com o utilitarismo chão e rasteiro das propostas mercadológicas e sócio tecnológicas do século XX. Bacon não exigia que cada conhecimento particular da ciência tivesse imediatamente uma utilidade prática. O que concebia como conhecimento e utilitário era o saber em sua totalidade, embora constituído de disciplinas. Portanto uma defesa, no alvorecer da proposta do conhecimento científico, do saber como especialidade e humanismo. E isso no que chamou de universidade, ou seja, o local, o ambiente e a disponibilidade, humana e material, da universalidade do conhecimento indistintamente. Ao longo dos tempos a questão universidade como repositório de qualquer saber e o ensino somente do saber como processo de utilização socioeconômico veio cada vez mais tomando vulto.

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.

Com o estabelecimento da departamentalização universitária de ensino e pesquisa houve o reforço no chamado quadro disciplinar. E como houve uma espécie de estamentação fixa desse quadro em relação às disciplinas, a eficiência dessa departamentalização funciona na chave de um taylorismo pedagógico de realização e produção, com base a números e estatísticas, como num fordismo educacional.

Propugna-se pela essência do Humanismo, mas não se trata de, ou somente de, pensar o Humanismo como processo interativo cultural, pedagógico ou de pesquisa, mas de uma atitude interdisciplinar, ou seja, pensar a cultura como um Humanismo e cada item do saber como um átomo deste. Assim, qualquer disciplina com qualquer disciplina é passível de integração, interação, introjeção, interdisciplinarização.

Como diz Ivani Fazenda (FAZENDA, 1996, p. 123):

No projeto interdisciplinar não se ensina nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições.

Assim podemos dizer que a interdisciplinaridade como inter-relação pode se comportar de duas maneiras: a endógena, quando entra em contato, por comparação e/ou listagem de competências, e se entrevê sem outra finalidade precípua que não seja a troca de conhecimentos mútuos e complementaridade de campo. Ou a teleológica, quando entre em contato com a intenção de finalidade de uso comum das competências, para um objetivo final e unicitário.

O tratamento interdisciplinar, por sua vez, pode ser próprio ou impróprio dentro desta proposta.

Um exemplo, tomado ao acaso, de tratamento interdisciplinar impróprio seria o uso, feito pela crítica literária (quando o faz), da música popular brasileira, como se fora disciplina. Em princípio, noventa casos sobre cem relacionam, quase nunca sobre as técnicas, a letra da assim cognominada música popular como tecido integral da manifestação; enfeitando no processo os desenvolvimentos sonoros, fraseológicos, harmônicos ou outros que lhe fossem próprios - o *soi-disant* texto-música.

De nada adiantariam, como sistemática, os usos linguísticos ou semânticos de descrição vaga ou mesmo irregular para preencher pretensas lacunas nesses aspectos. Numa tentativa teleológica, o resultado impróprio acaba por sair frustrado de um dos lados, pois se as relações não são próprias de lado a lado não há como evitar essa frustração apenas como justificá-la ideologicamente.

O uso de conceituações literárias para o próprio da música pode sofrer do mesmo mal numa inter-relação que se deseje integradora. O mais comum é se utilizar pontos-chave entre as disciplinas da manifestação literária e as da musical (o ritmo, muitas vezes empregado por rítmica, timbre, usado de modo hipostasiado, melodia por contiguidade de conceituação, etc.)

## RELAÇÕES

Variadas e possíveis são as relações interdisciplinares da totalidade musical com outras totalidades. Por exemplo:

- **música, história, sociologia, e antropologia** têm centros disciplinares comuns: o Homem, em princípio; a agremiação social e a função da manifestação musical; a dicotomia social dos indivíduos criativos e a função da criação; a ideia de construção das significações da língua social a partir das necessidades antropológicas e a teoria do discurso musical;

- **música e ciências exatas**, nos estudos disciplinares da epistemologia da sonoridade: vibrações, registros sonoros, apreensões, difusões, em resumo, sonologia e física do som; os efeitos bioquímicos diretos e colaterais no córtex humano; a medida sonora como representação matemática; o dilema e o problema da afinação e da construção instrumental;

- **música e literatura**: não são poucos os críticos literários que relacionam a formalização do contínuo sonoro com a forma de expressão escrita; a relação texto e significação junto à representação do discurso sonoro; naturalmente a rítmica e a prosódia poética.

E assim poderíamos elencar muitas mais relações: música e cinema, música e teatro, música e filosofia, música e economia, música e política (item polêmico e até mesmo essencial em cursos como, por exemplo, comunicação e/ou jornalismo), música e religião, entre outros. Ressalte-se que, naturalmente em toda e qualquer relação interdisciplinar a ideia básica se mantém a mesma, o uso do próprio em cada disciplina, o mais possível, para que se possa integrar, interagir, fazer relações diretas e de maneira apropriada e propicia a resultados interessantes.

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dizer de Hilton Jupiassú e Danilo Marcondes, no verbete *Interdisciplinaridade* de seu Dicionário Básico de Filosofia (JUPIASSU & MARCONDES, 2001, p. 105-106):

Correspondendo a uma nova etapa do desenvolvimento do conhecimento científico e de sua divisão epistemológica e exigindo que as disciplinas científicas em seu processo constante e desejável de interpenetração fecundem-se cada vez mais reciprocamente, a interdisciplinaridade é um método de pesquisa e de ensino suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si.

Como essa é uma visão cada vez mais imposta e cristalizada a partir da modernidade, seria desejável que promotores, mantenedores e adjutores do conhecimento enquanto saberes individuados e departamentalizados, atestassem para a fundamentalidade dessa inter-relação que impulsiona a *weltanschauung* do ensino e pesquisa universitários.

Baudelaire, escrevendo em 1863, disse que a modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, sendo uma metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável.

Nada do que se possa dizer individuado é desprezível saber para a totalização do conhecimento. Não se trata de pensar apenas na informação. Diria Ruy Barbosa que um sabedor não é um armário de sabedorias armazenadas, mas um transformador de conhecimentos digeridos.

Informação não é conhecimento, senão base de apoio e sustentação do conhecer. A inter-relação de informação, vivência e reflexão é que faz a cultura.

E ter e dominar cultura, é a possibilidade de ser autônomo, de escolher o próprio e, quiçá, o destino de outrem. É uma janela aberta para a real liberdade.

Interdisciplinaridade é um projeto de importância e todo aquele que se engaja em projetos de importância sabe-se à mercê de uma realidade que o ultrapassa. Como diria Cioran, só os espíritos fúteis e irresponsáveis pensam agir livremente.

E, concludo: só os absolutamente não culturados ou alienados culturalmente detém o totalitarismo humano de dirigir o que deve e não deve ser conhecido.

## REFERÊNCIAS.

FAZENDA, Ivani Catarina Alves (org). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

GRANGER, Gilles-Gaston. **A ciência e as ciências**. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

LEIS, Hector (org.). **Impactos da Modernidade na Condição Humana**. Rio de Janeiro: Insular, 2005.

JUPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, editor, 2001.

PICCHI, Achille. *Interdisciplinaridade e música*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 65-74, 2010.